

**“A partir de 1980 ser do PS  
era a forma mais radical  
de ser democrata”**

**Eduardo Ferro Rodrigues**



### Porquê o Partido Socialista?

A minha politização foi intensa e radical desde miúdo, desde que testemunhei uma carga da GNR a cavalo sobre manifestantes que pretendiam ir a um comício do General Humberto Delgado no Liceu Camões em 1958. Depois quando presenciei, uns anos depois, vários familiares e amigos atacados aquando das greves estudantis de 1962. E mais tarde quando entrei para Económicas, para o ISCEF, e participei intensamente, até como presidente da Associação dos Estudantes, nas grandes lutas entre 1968 e 1972. O MES [Movimento de Esquerda Socialista], de qual fui fundador em 1974, tinha na origem um anseio de democracia radical. Nos anos 70 tentei contribuir para isso, numa lógica anticapitalista e anti-imperialista. A partir de 1980 não foram os livros mas a experiência prática que me conduziu naturalmente ao PS, porque naquele momento era a forma mais radical de ser democrata.

### Conte-nos como foi a sua adesão ao PS. Quando e em que circunstâncias?

Entre para o PS com alguma circunstância e pequena pompa a 25 de abril de 1986, depois de ter contribuído para a extinção do meu partido, do MES, que acabou com um belo jantar no Mercado do Povo em 1981, e depois de ter participado no movimento da Nova Esquerda depois de termos apoiado como independentes Mário Soares e o PS em 1983 e depois de termos avalizado, inclusivamente, o bloco central, que evidentemente poderia dispensar o nosso aval... Entrei para o PS conjuntamente com dezenas de socialistas sem partido, lembrando o que Mário Soares tinha afirmado nessa altura: “Ser socialista é ser do PS”.

### Na sua opinião, qual foi o contributo mais importante do PS para a democracia portuguesa?

A cegueira ideológica e algum sectarismo, e também alguma generosidade utópica para os contributos na altura do processo revolucionário, levaram a que só mais tarde reconhecêssemos no PS e em Mário Soares aquilo que era o papel fundamental na edificação da própria democracia e a sua decisiva força que levou o país para a União Europeia e não para uma qualquer alternativa terceiro-mundista. E isso acho que é o mais importante a sublinhar.

### Quais foram os acontecimentos/momentos políticos para si mais marcantes na história do PS?

Eu só posso falar com à-vontade da história do PS após 1986, embora tenha vivido aquele ambiente fúnebre antes de entrar para o PS, aquando da campanha de 1985 e da grande derrota que Partido Socialista teve, em que me lembro

### EDUARDO FERRO

RODRIGUES nasceu em Lisboa em 1949 e a sua politização fez-se nos movimentos estudantis de luta contra a ditadura. Foi um dos fundadores do MES, movimento nascido no pós-25 de Abril de uma “ânsia de democracia radical”. A “experiência prática” conduziu-o posteriormente ao PS, já na década de 80. Licenciado em Economia, fez carreira na administração pública, tendo chegado ao governo em 1995 como Ministro da Solidariedade e Segurança Social no executivo liderado por António Guterres, onde ocuparia várias pastas nos anos seguintes. Em 2002 foi eleito Secretário-Geral do Partido Socialista, função que manteve até 2004. Rumou a Paris no ano seguinte para ocupar o cargo de embaixador de Portugal na OCDE. Foi eleito Presidente da Assembleia da República em 2015, cargo que ocupou até 2022.

**“Entrei para o PS conjuntamente com dezenas de socialistas sem partido, lembrando o que Mário Soares tinha afirmado nessa altura: “Ser socialista é ser do PS.”**

**“Os partidos nascem, vivem e morrem. Para que continuem a viver é muito importante que em Portugal haja um autêntico sobressalto democrático.”**

de ir à sede do PS e de se respirar um ambiente de quase casa funerária, com o Almeida Santos a receber aqueles que lá iam dar um abraço. Mas a partir de 1986, nestes quase trinta anos, as minhas grandes referências e momentos foram a campanha de Mário Soares em 1986, a sua ida à segunda volta por milímetros, que eu comemorei como se tivesse sido a verdadeira vitória; a vitória extraordinária contra Freitas do Amaral que o levou [a Mário Soares] a Belém; a minha presença muito ativa em todo o período de oposição ao cavaquismo entre 1986 e 1985; no Parlamento a partir de 1991; os Estados Gerais; a vitória de António Guterres e do PS em 1995; a participação de que muito me orgulho como ministro nestes governos entre 1995 e 2001 e a “e extraordinária” escolha de que fui alvo para Secretário-Geral em 2002; as derrotas e vitórias até 2015, quando fui eleito Presidente da Assembleia da República em voto secreto e até 2022. E evidentemente o papel central, fundamental e imprescindível do PS na construção do Estado de Direito e do Portugal europeu.

**Quem foram/são para si as maiores referências ou as referências fundamentais do PS, que mais o influenciaram ou inspiraram?**

Posso falar de todos os Secretários-Gerais com simpatia, mas salientava cinco deles: Mário Soares, Vítor Constâncio, Jorge Sampaio, António Guterres e António Costa. São pessoas muito diferentes umas das outras. Os que estão vivos, cada um ao seu nível, continuam a dar o seu contributo forte, sobretudo António Costa.

Mário Soares é a personagem central da construção do Partido Socialista e da sua afirmação autónoma. Vítor Constâncio deu um contributo grande naquela altura para uma certa modernização programática e das ideias orgânicas e organizativas do PS, e Jorge Sampaio foi um combatente e uma pessoa que teve um papel essencial também na edificação do Estado de Direito em Portugal, tal qual o conhecemos. António Guterres levou-nos a grandes vitórias, a uma vitória eleitoral de que o PS já estava arredado há muitos anos e isso permitiu que o PS voltasse ao Governo durante vários anos a seguir a 1995. António Costa é um político genial, não é apenas um tático, é uma pessoa de princípios, com ideias para o futuro e com uma estratégia muito clara para o país. Portanto, cada um na sua época, e de acordo com as suas dificuldades e com as suas vantagens, foram marcos muito importantes na história do Partido Socialista.

**Quais as questões mais desafiantes que se colocam ao presente e ao futuro do PS?**

Como todas as organizações humanas, os partidos nascem, vivem e morrem. Para que continuem a viver é muito importante que em Portugal haja um autêntico sobressalto democrático. Hoje, a principal alternância que se coloca está entre democracia republicana e autoritarismo populista, não é tanto a alternância entre o PS e o PSD. Hoje e amanhã temos de saber honrar o passado e desbravar o futuro sem quaisquer concessões aos neofascistas e àqueles que acham sempre que quanto pior, melhor.

### O socialismo e a social-democracia são história ou resposta para o futuro?

Eu insisto que o grande desafio do futuro é a defesa da democracia, o que se faz apenas conseguindo aprofundá-la. Com uma nova comunicação social onde a desregulação está de mãos dadas com o ataque ao Estado de Direito democrático, com a guerra na Europa a partir de Putin, com o multipluralismo sem multilateralismo, correm-se grandes riscos. Os avanços tecnológicos extraordinários podem potenciar esses riscos ou controlá-los, depende da vontade humana e não da inteligência artificial. A devastação das mudanças climáticas, das guerras sem fins, das armas de destruição massiva nessas guerras, da manipulação da informação e dos “comentadores” pode e deve ser travada, bloqueada e revertida. Hoje na Europa social, democracia e socialismo democrático são sinónimos, – com a exceção portuguesa em que um partido que se chama social-democrata e nada tem que ver com a família social-democrata europeia. Espero que para as minhas netas, netos e bisnetos, PS volte a significar socialismo democrático no quadro do liberalismo antigo. A redistribuição do rendimento pode ser muito interessante, mas como diz a canção de Sérgio Godinho só há liberdade a sério quando houver “a paz, o pão, a educação, a saúde e a habitação” e quando pertencer ao povo o que o povo produz, mas com uma exigência básica: que ninguém, pessoas ou partidos, poderá em momento nenhum falar em nome do povo. A democracia representativa, plural, pluripartidária, com liberdade de expressão e de votação tem de ser cada vez mais forte e assegurada, com respeito pela divisão de poderes, entre [poder] legislativo, executivo e judicial, e com vitórias dos nossos ideais nas urnas, com participação muito maior nessas votações do que infelizmente neste momento se passa. ●

Ferro Rodrigues com a mulher, Filomena Peixoto de Aguilar, e os dois filhos gémeos, Rita e João, na manifestação do 25 de Abril de 1977. esquerda em cima

Com o socialista Jorge Coelho num comício da campanha para as eleições legislativas de outubro de 1999. esquerda em baixo

Ações de campanha em Matosinhos para as eleições legislativas de 2002. Ferro Rodrigues foi o cabeça de lista pelo PS. dir.

Fotos cedidas pelo próprio.

